

DERRUBADA

Parque vira arena de conflito

DF - Invasão

SERVIDORES DA COMPARQUES, POLICIAIS MILITARES E MORADORES DAS CHÁCARAS PRÓXIMAS AO GUARÁ TROCAM AGRESSÕES FÍSICAS NA HORA DE SER CUMPRIDA UMA DECISÃO DA JUSTIÇA. MAIS DE 50 RESIDÊNCIAS ESTÃO AMEAÇADAS

Fernanda Scavacini

Na janela de sua casa, o pequeno Igor Júnior Nascimento, 5 anos, implorava: "Tio, não derruba a casa da gente não. Eu moro aqui desde quando nasci". De dentro de seu imóvel, o menino tentava convencer, com todos os seus argumentos, um dos servidores da Secretaria de Parques e Unidades de Conservação (Comparques). Do lado de fora, a Polícia Militar Ambiental aguardava ordem de derrubada com caminhões, tratores e marretas. No parque Ezequias Hearing, próximo ao Guará, as 51 chácaras do local estão ameaçadas de serem destruídas. Ontem, a residência de Igor foi a primeira. Além de ver seu quarto virando apenas entulho, o menino presenciou a prisão de sete moradores da região, cinco deles da mesma família.

Quando os parentes de Igor perceberam que o alvo da Comparques seria sua casa, eles chamaram um advogado. Vieram dois. Não adiantou a conversa. Eram cerca de 11h30, e os interessados em permanecer na área não tinham apresentado nenhum documento válido

Operação continua hoje para desespero de moradores

Conforme o presidente da associação de chacareiros, Carlos Alberto Araújo, o local existe há mais de 30 anos. "A lei nº 1.826, artigo segundo, determina que nós sejamos indenizados em caso de remoção. Eles não querem cumprir a determinação", afirma. Segundo o secretário da Com-

parques, Ênio Dutra, o reembolso financeiro não é válido para terras públicas sem autorização legal para ocupação, mesmo com mais de 30 anos de permanência.

"Nós vamos limpar toda esta área. É um espaço de proteção ambiental. Hoje, conseguimos ordem para desobstruir 25 chá-

caras. Destas, dez conseguiram liminar na noite de quarta-feira para não serem atingidas. Vamos cassar estas decisões e ainda vamos conseguir a determinação para retirar as outras 26 que também são protegidas judicialmente. Amanhã (hoje) vamos continuar a operação", informa.

para impedir a ação. Para tentar amenizar a questão, a secretaria resolveu esperar um pouco mais. "Vocês têm até 13h30 para apresentar uma liminar. Se não, vamos cumprir nossa obrigação", informou o assessor de gabinete, Juraci Luís Medeiros, da Comparques.

Às 13h45 nenhum papel chegou. Os trabalhadores do Serviço de Ajudamento e Limpeza Urbana (Belacap) começaram a pegar as marretas e receberam a ordem de entrar. Desesperados, cerca de 15 vizinhos e moradores da casa se trancaram dentro da residência. Além dos adultos, duas crianças e um

bebê de dois meses estavam juntos para não deixar que as paredes fossem destruídas.

Moradora arrisca a própria vida - A comerciante Ironice Silva do Nascimento, 37 anos, não se conformava com as consequências de estar em um terreno público. Aos gritos, ela segurou um botijão de gás e um fósforo e, mesmo com toda sua família e amigos dentro do imóvel, ela prometeu explodir tudo se alguém se aproximasse. Quando um dos servidores começou a quebrar a parede, ela pegou uma garrafa de álcool e tentou acertar o líquido nele.

Ironice conseguiu molhar

apenas o chão da varanda e a janela. Então, sem saber mais que atitude tomar, ela ateou fogo. No mesmo instante, Juraci arrebitou a porta, a polícia entrou em ação e o conflito começou. Socos, ponta pés e muita gritaria tomaram conta do local. Os bombeiros apagaram as chamas. Homens e mulheres mediam força na luta. Outros queriam fazer valer a lei.

Quando Ironice foi surpreendida, ela ainda tentava iniciar um novo incêndio. Tudo para resistir até o fim. Não adiantou. Ela foi uma das primeiras a ser presa. Mais quatro pessoas

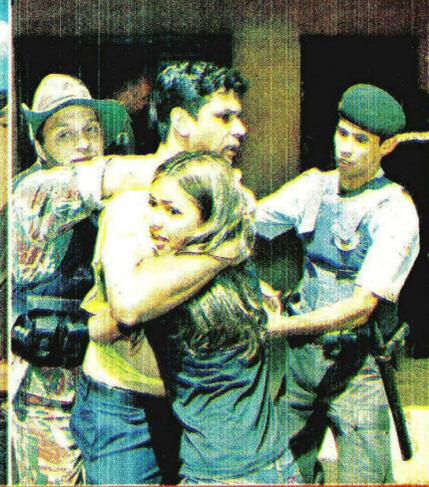
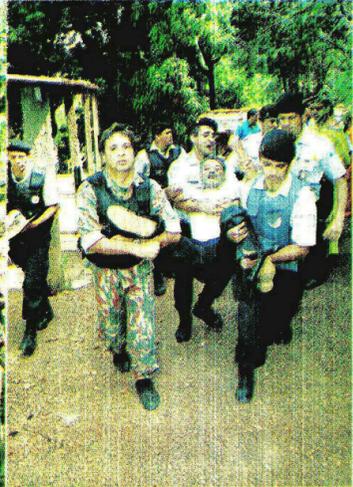
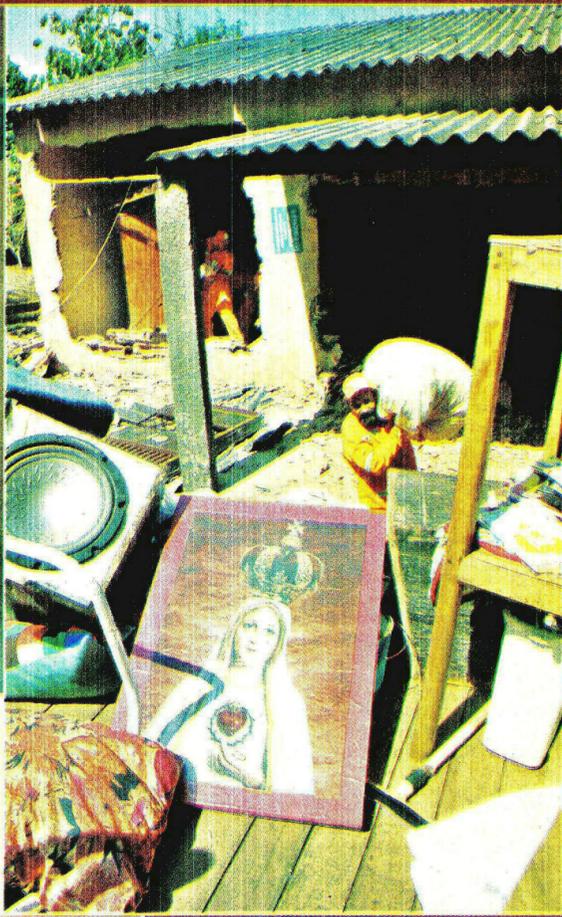
saíram nos tapas com a guarnição da Polícia Militar Ambiental. Nem algemados e dentro do camburão, eles desistiram. Como não podiam usar mais as mãos, eles gritavam, berravam para que a casa permanecesse no mesmo lugar.

Controlada a euforia e angústia dos ocupantes da região, a derrubada continuou. As ferramentas voltaram a trabalhar. Minutos depois, os servidores foram surpreendidos por dois rapazes que chegaram correndo. Sem trocar nenhuma palavra com ninguém, eles foram logo aos muros e chutes. E um deles gritou para explicar a

reação agressiva de ambos. "Vocês prenderam meu pai. Levaram quase toda minha família", justifica Adelmo Brandão, vizinho da moradia derrubada e policial militar.

Vários colegas de profissão tiveram de se juntar para conseguir controlá-lo. Um dos militares apontou a arma para ele. "Atira. Atira!" afirma o homem, sem ter mais na nada a perder. Ele e o irmão, que também participou da briga, foram detidos. Adelmo foi levado à Corregedoria da Polícia Militar e o parente à 4ª Delegacia de Polícia, no Guará, assim como os outros presos. Todos vão responder por desacato à autoridade e resistência à prisão.

Quando a poeira abaixou, o pó das paredes de alvenaria - da casa com três quartos, três banheiros, uma varanda, cozinha e sala - levantou em meio às diversas plantações no quintal. A adolescente Karina Brandão, 14 anos, não conseguia se conformar. "Meus vizinhos moravam aí há muitos anos. Meu avô, minha mãe e três tios meus foram presos para defender eles", soluça e abaixa a cabeça para deixar que a lágrima caísse discretamente.



MORADORES TENTAM DE TODAS AS FORMAS PROTEGER SUAS RESIDÊNCIAS. POLICIAIS TIVERAM QUE ACALMAR OS MAIS EXALTADOS PARA QUE UM CONFLITO MAIOR NÃO OCORRESSE. OBJETOS PESSOAIS DA ÚNICA CASA DERRUBADA ONTEM FOI O SUFICIENTE PARA QUE LÁGRIMAS FIZESSEM PARTE DO CENÁRIO